

Antes e depois da ponte: uma percepção do Itam ao Jardim Ângela

Motorista e cobrador de ônibus, Tarcisio presencia diariamente o Brasil desigual

Por Ana Clara Giovani e Juliana Ávila

“Hoje em dia a gente não vê mais o povo animado pra Copa, as lojas não estão mais decoradas... antes o país parava” dizia, sem dar-se conta de um carro envelopado com a bandeira do Brasil passando bem ao lado. Tarcisio Lima, 40 anos, fica no mínimo seis horas por dia no banco do cobrador do 677A-10, e outras seis no estofado da Mercedes-Benz da patroa.

A linha é uma metonímia da dinâmica de grande parte da população de São Paulo: transita entre uma área nobre (Itaim Bibi) e outra periférica (Jardim Ângela). Entre os 97 distritos da cidade, Itaim Bibi tem o 6º melhor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), enquanto o Jardim Ângela tem o 4º pior. A mudança de paisagem durante o trajeto é brusca; uma curva por cima do rio Pinheiros e os prédios luxuosos dão lugar a estruturas habitacionais amontoadas e precárias. A movimentação entre duas realidades tão distintas não incomoda Tarcisio: “essa é a realidade - quanto mais você trabalha, mais você ganha”.

Na semana do dia 20 de maio, durante a greve dos caminhoneiros, Tarcisio trabalhou normalmente. A frota foi reduzida em 60%, mas ele não foi dispensado. A rotina como motorista particular também permaneceu a mesma; os sete carros da patroa, sempre com o tanque cheio, não permitiram que a vida da senhora fosse perturbada. O motorista demonstra grande admiração por ela, que apesar de não precisar continua trabalhando muito - isso o inspira para trabalhar ainda mais.

“Esse país é ótimo pra quem tem dinheiro”, afirmou Tarcisio, parafraseando o pai da patroa. Dos comentários absorvidos entre corridas em Moema e os bancos do 667A, o cobrador conclui que o brasileiro não se informa. “O povo gostou da greve, mas pelos motivos errados”. Comenta que a paralisação só agradou a população porque foram dispensados do trabalho e puderam ficar em casa. É categórico em dizer que não confia nas informações da mídia - que, do seu ponto de vista, é sempre controlada pelos membros do governo. Ele se informa através do ambiente de trabalho e das conversas que têm e entreouve.

Até dois anos atrás Tarcisio atuava como “motorista de madame” em tempo integral. Pensando em complementar renda, entrou para o corpo de trabalhadores da frota paulistana. A carga horária fixa é de seis horas, mas fazer hora extra é comportamento comum da categoria, pois é muito bem remunerada. Dessa forma, pela manhã ele fica à disposição da patroa, e às 15h assume o caixa do 667A-10 por três viagens completas.

O horário de pico da linha tem início às 17h, quando uma parte das pessoas começa a voltar para casa. O perfil dos usuários na rota de Tarcisio é o “povo trabalhador simples”. O motorista, porém, não costuma conversar com os passageiros e não sabe dizer quais são os fixos de todos os dias, pois acredita que essa é uma forma de evitar problemas: “sou tranquilo, prefiro evitar [conversa], desde que não me falte [ao] respeito”.

Respeito é um valor muito importante para Tarcisio. A diferença de tratamento entre pessoas de classes distintas, aliás, o incomoda mais que a desigualdade econômica. “Acho que isso devia ser padronizado. Você fala com o pretinho da favela de um jeito e com o branquinho do mesmo jeito”. Ele exemplifica, afirmando que na periferia a polícia usa muitas gírias para conversar, mas na área nobre falam “com doçura”. Em 18 anos dirigindo para a classe alta, o motorista nunca foi parado numa blitz. Entretanto, isso aconteceu diversas vezes na periferia.

Ainda na questão do tratamento, Tarcisio conta que não entendeu por que João Dória foi eleito como prefeito da cidade de São Paulo. Lembra-se de quando sua patroa desenvolveu um projeto com o ex-prefeito e empresário, e este não lhe dirigiu a palavra sequer para desejar bom dia.